

“Déficit público atazana o governo”, diz FHC

por Renata Veríssimo
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu ontem que o déficit público “atazana o governo”, mas esta foi a única autocrítica que ele fez no seu discurso de uma hora e dez minutos, na última reunião do ano com os ministros das áreas econômica e social. Num tom otimista e citando uma série de indicadores oficiais, Fernando Henrique disse que não está preocupado com a reeleição, amenizou os dados sobre desemprego, rejeitou a crítica de fazer um governo “neo-qualquer coisa” e reclamou do excesso de liminares concedidas pelo Poder Judiciário contra o processo de privatização.

Sem se preocupar com a modéstia, admitiu: “Posso ter me excedido em ver o lado mais positivo, porque não faltarão aqueles que vão chamar a atenção para os pontos menos positivos”. Fernando Henrique falou dos benefícios do Plano Real, principalmente o aumento do poder aquisitivo da população de baixa renda, e afirmou que jamais um plano teve tanto apoio da população. Ele também fez um elogio público ao ministro da Coordenação Política, Luiz Carlos Santos, suspeito de envolvimento no caso da lista do Banco do Brasil com parlamentares do PPB.

Para ele, a memória inflacionária no Brasil começa a se desmanchar, mas reiterou a necessidade de acabar definitivamente com a indexação da economia. “Não quero nem mencionar os autores, mas houve um propósito, que acabou resultando noutro, e



Fernando Henrique Cardoso

que foi um mecanismo de reprodução automática da inflação”, disse.

Depois de controlada a inflação, o presidente afirmou que o grande problema é o déficit público. Segundo ele, só as reformas administrativa e previdenciária podem trazer ao Brasil um horizonte tranquilo no que diz respeito ao déficit público.

FHC diz que a redução do déficit público também se faz com a redução dos juros, que o governo vem baixando. O presidente, no entanto, garantiu que o déficit não é assustador e que o governo tem capacidade operacional para evitar que provoque sobressaltos na estabilização da moeda. Esse foi o único ponto negativo lembrado pelo presidente durante toda a apresentação, realizada no salão oval do Palácio do Planalto.

Fernando Henrique chamou de “maldosos, mentirosos ou ignorantes” aqueles que insistem em rejeitar o desempenho do governo em algumas áreas mais delicadas, como o dé-

ficit da balança comercial, desemprego e as ações na área social. “Quem continua dizendo que o Plano Real é feito para ajudar banqueiro, é feito para os ricos, mente ou é ignorante”, reagiu. “Tem gente que sabe que isso é assim e continua dizendo o contrário por razões puramente eleitoreiras”, acusou.

O presidente também criticou o Poder Judiciário, que prejudica o programa de desestatização com a concessão de liminares, e aqueles que são contra as privatizações. “Temos tido imensas dificuldades, porque os que se opõem às concessões, ou mesmo os que perdem, por causa da nossa lei de licitações, vão aos tribunais e, frequentemente, obras importantes são paralisadas por liminares”, reclamou.

O presidente ainda questionou os métodos de pesquisa para medir o desemprego. Para ele, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o único que pode ser comparado com os institutos de outros países, porque utiliza a mesma metodologia. Em São Paulo, por exemplo, ele disse que o índice de 14% é atingido porque os institutos de pesquisa incluem crianças com mais de 10 anos. “Ora, o governo está combatendo o trabalho de crianças. Quanto menos trabalharem com essa idade, se estiverem na escola, melhor”, afirmou.

Fernando Henrique também atribuiu o aumento do desemprego em São Paulo a uma transformação do padrão econômico no País, do investimento industrial e do deslocamento de empresas do Sul e Sudeste para o Norte e Nordeste. ■

Bolsa de apostas

Nome e cargo	PIB (em %)	Saldo comercial (em US\$ bilhões)	Inflação (em %)	Déficit público (em % do PIB)
Mailson da Nóbrega (ex-ministro da fazenda)	3,5	(-6)	7	3
Alfredo Rizkallah (presidente da Bovespa)	até 4	(-6 a -8)	6 a 8	4
José Augusto Marques (presidente da Abdib)	6	-----	9	-----
Natale Dalla Vecchia (diretor da Lojas C&m)	4	-----	6 a 8	-----
Ivan Fonseca e Silva (presidente da Ford do Brasil)	4	(-5)	9	3,5 a 4
Carlos Geraldo Langoni (diretor do Centro de Economia Mundial da FGV)	4	(-6 a -7)	8	4 a 4,5
Roberto Macedo (presidente da Eletros)	4	(-6)	5 a 7	2
Marcos Magalhães (diretor presidente da Philips do Brasil)	4 a 4,5	(-4)	7 a 8	3
Antonio Carlos Romanoski (diretor geral da Refripar)	4 a 4,5	-----	abaixo de 10	-----
Jairo Cupertino (vice-presidente executivo da Itaútec-Philco)	4 a 5	-----	abaixo de 10	-----
Marcílio Marques Moreira (ex-ministro da Fazenda e consultor sênior da Merrill Lynch)	4 a 5	(-5 a -6)	5 a 8	3
Paulo Haddad (ex-ministro do Planejamento e assessor econômico do governo de Minas Gerais)	5	(-5)	7	2
Rinaldo Campos Soares (presidente da Usiminas)	4 a 5	(-4 a 5)	abaixo de 10	3
Fernão Bracher (ex-presidente do BC e presidente do Banco BBA Creditanstalt)	4,5	(-6,5)	7	4,5 nominal
Edmar Bacha (ex-presidente do BNDES e consultor)	4,3	(-6,5)	7,5	3
Joel Korn (presidente do Bank of America)	3,5 a 4	(-6,5)	7,5 a 8	3,5
Carlos Eduardo Moreira Ferrelira (presidente da Fiesp)	3 a 4	-----	abaixo de 10	-----
Grupo dos 12 (diretores financeiros de bancos ligados à ABBC)	3,7	(-6,5)	7,9	3,2
João Batista de Abreu (ex-ministro do Planejamento e vice-presidente do Banco BMG)	4	(-4)	8	3,5
Stefan Salej (presidente da Fiemg)	4	(-5)	6,5	5
Alberto Dalcanale (diretor-presidente do Banco Araucária)	3,5	(-6)	5	-----
Osvaldo Moreira Douat (presidente da Fiesc)	3,2	(-5)	10	4
Rony Lyrio (presidente do grupo Sul América)	4 a 5	(-7)	8 a 9	4
Fernando Bezerra (presidente da CNI)	4 a 5	(-6,5)	6 a 8	3,5
Humberto Motta (presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro)	5	-----	6 a 8	3,5
Fernando Opitz (presidente da Bolsa de Valores do Rio)	4	(-5)	8	2,2
Eduardo Eugênio Gouveia Vieira (presidente da Firjan e do Grupo Ipiranga)	3,5 a 5	(-7)	5 a 7	4
José Júlio Senna (ex-diretor do Banco Central e diretor superintendente do Banco Graphus)	3,5	(-6)	7	4
Fernando Flexa Ribeiro (presidente da Fiepa)	4 a 5	(-7 a -8)	6 a 7	3